



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ UESPI
UNIVERSIDADE DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NEAD**



RAUENA DOS SANTOS BARBOSA

UMA ANÁLISE DO POEMA *THE RAPE OF LUCRECE*, DE WILLIAM SHAKESPEARE

BOM JESUS – PI

2025

RAUENA DOS SANTOS BARBOSA

UMA ANÁLISE DO POEMA *THE RAPE OF LUCRECE*, DE WILLIAM SHAKESPEARE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês da
Universidade Estadual do Piauí como requisito para a
obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês.

Orientadora: Profa. Ma. Francisca Maria de Figueiredo
Lima.

BOM JESUS-PI

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

UMA ANÁLISE DO POEMA THE RAPE OF LUCRECE, DE WILLIAM SHAKESPEARE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Presidente

Prof.

Membro

Prof. Membro

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar expressando minha profunda gratidão a Deus, que foi a força maior que me guiou ao longo dessa jornada. A Ele, toda honra e glória.

Agradeço também à Universidade Estadual do Piauí – UESPI, por me proporcionar não apenas um aprendizado técnico, mas também por ser um espaço onde cresci pessoal e intelectualmente, enfrentando desafios que me moldaram para a vida.

À minha orientadora, Professora Francisca, sou imensamente grata pela paciência, dedicação e pelos ensinamentos que, com tanta sabedoria, me ofereceu. Sua orientação foi crucial para que este trabalho se tornasse uma realidade e sua contribuição foi indispensável durante toda a pesquisa.

Aos meus professores, que se empenharam ao longo desses quatro anos, deixando sua marca em minha formação, meu muito obrigado. Cada um de vocês foi fundamental para o meu crescimento.

À minha família, especialmente a meus pais, Raimundo e Francisca, aos meus irmãos Thiana, Kauê e Antonieta, às minhas sobrinhas Sofia e Maria, e ao meu namorado Vibson, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, oferecendo apoio incondicional. Sem o amor, compreensão e incentivo de todos, este trabalho jamais seria possível.

E, por fim, à minha amiga e companheira de curso, Tanielly, que esteve ao meu lado durante todo esse período. Juntas, conseguimos conquistar mais um certificado, mais um ciclo de aprendizado, e foi uma experiência maravilhosa compartilhar essa jornada com você. Obrigada por estar sempre ao meu lado!

RESUMO

Este trabalho analisa o poema *The Rape Of Lucrece*, de William Shakespeare, com foco nas representações do estupro, da honra feminina e do suicídio de Lucrécia, explorando como esses temas refletem as normas sociais e culturais da Renascença. O objetivo principal da pesquisa é compreender como a violência sexual e suas consequências são abordadas no poema, bem como investigar o suicídio de Lucrécia como uma estratégia para restaurar a honra familiar. Para isso, a metodologia utilizada foi a análise qualitativa do poema, em que se buscou entender as construções simbólicas e discursivas presentes na narrativa, levando em consideração as diferentes interpretações do mito de Lucrécia, tanto na literatura quanto nas artes visuais da época. A pesquisa confirmou a hipótese de que o suicídio de Lucrécia, além de ser uma tragédia pessoal, também funciona como um ato de resistência e vingança política, sublinhando as tensões entre o poder, a violência e a posição da mulher na sociedade renascentista. A representação de Lucrécia nas artes, frequentemente associada à nudez e ao erotismo, reforça a dicotomia entre sua pureza e a objetificação de seu corpo. Os resultados mostram que, ao tratar do estupro e do suicídio de Lucrécia, Shakespeare aborda não apenas as questões de violência, mas também as pressões sociais sobre a mulher e o seu corpo, explorando a complexidade do sofrimento feminino e suas repercussões sociais e políticas. Em conclusão, este estudo destaca a importância do poema como uma crítica às normas sociais da época e sugere que a análise dessas representações pode enriquecer o entendimento das questões de gênero e violência sexual, tanto no contexto histórico quanto na contemporaneidade.

Palavras-chave: violência sexual. Lucrécia. Shakespeare. Honra feminina. Suicídio.

ABSTRACT

This paper analyzes William Shakespeare's poem *The Rape of Lucrece*, focusing on the representations of rape, female honor, and Lucrece's suicide, exploring how these themes reflect Renaissance social and cultural norms. The main objective of the research is to understand how sexual violence and its consequences are addressed in the poem, as well as to investigate Lucrece's suicide as a strategy to restore family honor. To this end, the methodology used was a qualitative analysis of the poem, in which we sought to understand the symbolic and discursive constructions present in the narrative, taking into account the different interpretations of the myth of Lucrece, both in literature and in the visual arts of the time. The research confirmed the hypothesis that Lucrece's suicide, in addition to being a personal tragedy, also functions as an act of resistance and political revenge, highlighting the tensions between power, violence, and the position of women in Renaissance society. The representation of Lucrece in the arts, often associated with nudity and eroticism, reinforces the dichotomy between her purity and the objectification of her body. The results show that, when dealing with Lucrece's rape and suicide, Shakespeare addresses not only issues of violence, but also social pressures on women and their bodies, exploring the complexity of female suffering and its social and political repercussions. In conclusion, this study highlights the importance of the poem as a critique of the social norms of the time and suggests that the analysis of these representations can enrich the understanding of gender issues and sexual violence, both in the historical context and in contemporary times.

Keywords: sexual violence. Lucretia. Shakespeare. Female honor. Suicide.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ticiano A Violação	26
Figura 2 – O Suicídio de Lucrécia.....	27
Figura 3 – Lucretia/The Rape Of Lucretia.....	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - principais resultados da pesquisa 33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ENTENDENDO A TEMÁTICA	12
2.1 VIDA E OBRAS DE WILLIAM SHAKESPEARE	12
2.2 APARECIMENTO DE SHAKESPEARE NO BRASIL	14
2.3 <i>THE RAPE OF LUCRECE</i>	15
2.3.1 O contexto	15
2.3.2 O mito	17
2.3.3 O estupro	20
2.3.4 O suicídio	22
2.3.5 Artes plásticas	25
3 METODOLOGIA.....	29
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	29
3.2 CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO E AMOSTRA	29
3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	30
3.4 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	30
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre Shakespeare tornaram-se um campo independente, com departamentos, eventos e publicações especializadas. No entanto, esse campo não é isolado, pois interage com diversas disciplinas, como crítica literária, artes cênicas, lexicografia, história, filologia e tradução. Em países não anglófonos¹, a tradução assume papel ainda mais relevante.

Enquanto o texto original em inglês permanece relativamente fixo, as traduções das obras de Shakespeare continuam a se multiplicar e a se complementar. No Brasil, as traduções de Shakespeare chegaram inicialmente por meio do francês e foram consolidadas por tradutores como Carlos Alberto Nunes (1969) e Bárbara Heliodora (2016), com novas versões de autores como José Roberto O'Shea e Lawrence Flores.

Além das suas peças dramáticas, Shakespeare deixou sonetos e dois poemas narrativos, incluindo *The Rape of Lucrece*². Produzido no início de sua carreira, durante o fechamento dos teatros, o poema foi dedicado ao Conde de Southampton e tinha como público alvo a nobreza. O poema, com 265 estrofes em sete versos, narra o mito de Roma em que o suicídio de Lucrécia, após ser estuprada pelo príncipe Sextus, leva à queda da monarquia.

No Brasil, duas traduções do poema foram publicadas: a de Oscar Mendes, na década de 1960, que utiliza o dodecassílabo sem rima, e a recente de Élvio Funck (2020), em prosa.

A obra *The Rape of Lucrece* foi escrita em um período que remete à experiência de quem viveu a pandemia:

Considerando que pelo certificado da semana passada a infecção parece estar aumentando... julgamos apropriado que toda maneira de concurso e reunião pública de pessoas em peças, bear-baitings [espetáculos em que ursos eram atacados por cães], boliche e outras associações para o desporto sejam proibidas. (Bate, 2008, p. 11)

¹ Anglófono: que fala inglês como a primeira língua.

² A violação de Lucrécia.

Na época, William Shakespeare já era um dramaturgo consolidado na cena londrina, tendo produzido, em grande parte de forma colaborativa, peças como Henrique VI (partes 1, 2 e 3, 1590-1592) e Ricardo III (1592-1593), além de Tito Andrônico (1592) e A Megera Domada (1590-1591).

Contudo, além das dificuldades financeiras enfrentadas pela interrupção das atividades teatrais, o poeta parecia desejar integrar um círculo literário mais aristocrático e prestigiado do que o meio teatral. Esses fatores impulsionaram Shakespeare, ainda jovem, a se dedicar mais à poesia durante o período de 1593 a 1594, quando escreveu seus dois poemas narrativos: *Vênus e Adônis* e *A Violação de Lucrécia*.

Em *Lucrécia*, Shakespeare narra um episódio da história romana: o estupro de uma nobre por um príncipe, evento que levou à expulsão dos Tarquinos e à transição de Roma da monarquia para a república. Durante um cerco à cidade de Ardeia, os nobres romanos começam a se vangloriar das virtudes de suas esposas, decidindo testar a castidade delas. Lucrécia, esposa de Colatino, é a vencedora do teste, pois, enquanto as outras se entregavam ao prazer, ela fiava com suas criadas. Posteriormente, o príncipe Sexto Tarquino retorna sozinho a Colácia com a intenção de desonrar Lucrécia, o que consegue. No amanhecer, ela envia cartas ao pai e ao marido, que chegam acompanhados de outros nobres. Ao relatar o ocorrido e pedir vingança, Lucrécia comete suicídio, desencadeando uma revolta liderada por Júnio Brutus, que depõe os Tarquinos e funda a república romana.

Esse poema, que aborda temas como violência sexual, honra e culpa, será analisado sob diversas perspectivas, com foco em como reflete as concepções de gênero e poder em uma sociedade patriarcal do século XVI. A principal questão a ser explorada é como a obra de Shakespeare conecta esses temas com as noções filosóficas e literárias sobre a tragédia.

A análise foca na maneira como o poema representa a violência sexual, a dinâmica de poder entre os sexos e a objetificação do corpo feminino. Além disso, examina as repercussões psicológicas e sociais enfrentadas pela personagem após o estupro, destacando a estrutura patriarcal da sociedade romana, cujos valores e normas são refletidos na narrativa. A pesquisa também busca compreender a dicotomia entre pureza

e violência, explorada na obra através das metáforas poéticas, que associam o corpo feminino a um território a ser invadido.

O trabalho será dividido em capítulos analisando como Shakespeare aborda questões sobre moralidade e honra feminina. O segundo capítulo oferece uma visão geral sobre a vida e a obra de Shakespeare, destacando sua importância no cenário literário. Em seguida, o poema será abordado em detalhes, considerando o mito de Lucrécia, o contexto histórico, o estupro, o suicídio e as representações artísticas relacionadas à obra.

A metodologia adotada é baseada em uma revisão bibliográfica abrangente, envolvendo textos acadêmicos e fontes especializadas que discutem a obra, seu contexto e as implicações sociais e culturais. A pesquisa integra uma abordagem multidisciplinar que envolve os estudos literários, históricos e de gênero, buscando contribuir para uma reflexão crítica sobre as representações da violência de gênero e a subjetividade feminina na literatura.

A análise busca também ampliar a compreensão sobre o impacto cultural de *The Rape of Lucrece* ao longo do tempo, especialmente no que diz respeito aos debates contemporâneos sobre gênero, violência sexual e as expectativas sociais impostas às mulheres. Ao final, espera-se que o trabalho forneça uma visão mais profunda sobre como Shakespeare, por meio de sua obra, oferece uma crítica à sociedade de sua época, ao mesmo tempo que provoca reflexões que permanecem relevantes nos dias atuais.

2 ENTENDENDO A TEMÁTICA

2.1 VIDA E OBRAS DE WILLIAM SHAKESPEARE

William Shakespeare nasceu em Stratford-upon-Avon em 23 de abril de 1564, filho de John e Mary Shakespeare, ambos oriundos da classe média local. Seu pai, além de comerciante de luvas, teve uma atuação significativa na administração pública, ocupando os cargos de vereador e prefeito da cidade. Em 1569, Shakespeare iniciou seus estudos no Petty School (escola primária) e, em 1572, passou a frequentar o Grammar School (escola secundária), onde se dedicou ao estudo do latim, retórica e literatura clássica.

Com a falência do comércio de seu pai em 1579, Shakespeare foi forçado a interromper sua educação formal e passou a trabalhar como tutor em casas de famílias abastadas. Aos 18 anos, casou-se com Anne Hathaway, filha de um próspero fazendeiro local. Anne, que era oito anos mais velha que William, deu à luz a filha Susanna em 1593 e, dois anos depois, os gêmeos Hamnet e Judith.

Diante das dificuldades financeiras para sustentar a família, Shakespeare mudou-se para Londres em busca de melhores oportunidades profissionais. Por volta de 1592, um insulto feroz do dramaturgo Robert Greene, direcionado a Shakespeare, revela que suas obras já haviam conquistado reconhecimento. Foi também nesse período que Shakespeare publicou seu primeiro trabalho de destaque, o longo poema *Vênus e Adônis*, dedicado ao conde de Southampton. Posteriormente, com os recursos obtidos da publicação de outro poema, *A Violação de Lucrécia*, Shakespeare comprou uma participação na companhia teatral *Lord Chamberlain's*, de Richard Burbage, tornando-se um empresário de sucesso no setor de entretenimento.

Shakespeare viveu durante o reinado de Elizabeth I, que governou de 1558 a 1603 e implementou reformas políticas e econômicas que revitalizaram a Inglaterra, que, antes de sua ascensão, atravessava um período de grandes turbulências sob os reinados de Henrique VIII e Maria I. Sob o governo da "boa rainha Bess", a Inglaterra deixou de ser uma potência periférica e emergiu como uma das principais potências da Europa.

O mundo teatral da época elisabetana era bem distinto do que conhecemos hoje. Não havia cortinas ou cenários elaborados, e as apresentações eram frequentemente barulhentas, com sons de trombetas, tiros de canhões e o retinir de espadas em combate.

Os teatros também careciam de banheiros e os papéis femininos eram interpretados por meninos pré-adolescentes. Shakespeare soube transformar essas limitações em vantagens, utilizando a linguagem poética de forma rica e profunda, especialmente ao abordar temas de paixão e desejo.

Os teatros londrinos não estavam localizados em lugares nobres e as apresentações das peças eram feitas todos os dias, menos aos domingos. Os espetáculos eram apresentados das 14 às 17 horas para aproveitar a luz natural do Sol. Não havia intervalos, de modo que a ação era contínua. O público era indisciplinado, pois as pessoas não ficavam quietas durante a apresentação, chegando a jogar objetos nos atores caso não gostassem da peça ou da interpretação. (Ribeiro, 2024, p. 4)

As 37 obras teatrais de Shakespeare se dividem em quatro categorias: peças históricas (como *Ricardo III* e *Henrique V*), peças trágicas (como *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Otelo*, *Rei Lear* e *Macbeth*), peças cômicas (como *Sonho de uma Noite de Verão*, *Noite de Reis* e *Muito Barulho por Nada*) e peças românticas (como *Conto de Inverno* e *A Tempestade*). Além disso, suas obras líricas mais notáveis incluem *Vênus e Adônis* e *A Violação de Lucrécia*, além do *Livro de Sonetos*.

Cerca de 70% de suas peças foram compostas em versos brancos, 25% em prosa e apenas 5% em versos rimados. Shakespeare fez referência a 36 livros da Bíblia, sendo 18 do Antigo Testamento e 18 do Novo Testamento. Embora muitas de suas obras tenham sido baseadas em trabalhos de outros autores, como *Romeu e Julieta* (1595), inspirado em um poema de Arthur Brooke, a genialidade de Shakespeare residia em aprimorar e enriquecer essas ideias originais, tornando-as ainda mais impactantes. Isso pode ser observado ao comparar sua obra *Antônio e Cleópatra* com o trecho de *Vidas Paralelas*, de Plutarco. (Ribeiro, 2024, p.4-5)

Segundo Bárbara Heliodora (2018), grande parte da biografia do poeta e dramaturgo permanece desconhecida, sendo baseada principalmente em suposições e na junção de fragmentos dispersos.

2.2 APARECIMENTO DE SHAKESPEARE NO BRASIL

A inserção de Shakespeare no Brasil remonta ao século XIX, com as primeiras referências a encenações protagonizadas por João Caetano. Contudo, sabe-se que o famoso ator do Império não encenou obras de Shakespeare, mas sim adaptações melodramáticas de Jean François Ducis, que alteravam significativamente as tramas originais, como a supressão de personagens secundárias e a simplificação das ações. Somente a partir da década de 1940, e após um longo período de espera, o dramaturgo inglês passou a ser encenado de forma mais sistemática por artistas brasileiros. (Fontana, 2014, p. 44)

Segundo Celuta Moreira Gomes (1961, *apud* Fontana, 2014, p.45), grupos amadores, como o Teatro Experimental de São Paulo, o Teatro Universitário de Pernambuco e o Teatro Experimental do Negro, foram os responsáveis por popularizar as peças de Shakespeare no Brasil. O Teatro do Estudante do Brasil (TEB) se destaca como pioneiro nesse movimento, marcando uma nova era para as representações de Shakespeare na língua portuguesa e afastando a preferência por adaptações de Ducis.

Eugenio Gomes (1961, p.24) enfatiza que a criação do TEB, no Rio de Janeiro, foi crucial para despertar o interesse nacional pelas obras shakespeareanas, reabilitando o teatro nacional ao representar as peças de forma autêntica. Apesar de suas encenações amadoras, as produções do TEB sempre geraram debates na crítica especializada, o que permite compreender o contexto do surgimento de Shakespeare no teatro moderno brasileiro e as questões suscitadas por essas primeiras tentativas de aproximação com suas obras.

Entre maio e agosto de 1949, o TEB apresentou no Teatro Fênix as peças *Romeu e Julieta*, *Macbeth* e *Sonho de uma Noite de Verão*. Esses espetáculos, com características distintas, marcaram a formalização do TEB como uma escola improvisada, que, desde sua criação, era reconhecida por formar artistas, alguns dos quais se tornaram profissionais, como Sandro Polônio.

As duas primeiras peças do Festival Shakespeare foram dirigidas por Ester Leão, enquanto que Sonho de uma noite de verão ficou sob a responsabilidade de Ruggero Jacobbi. Programas dos espetáculos, parte do arquivo Paschoal Carlos Magno. (Fontana, 2014, p.54)

Embora ainda haja uma lacuna na pesquisa sobre a disseminação de Shakespeare no Brasil nas décadas de 1940 e 1950, pode-se sugerir que o dramaturgo foi parte de uma proposta de renovação do teatro brasileiro, impulsionada por artistas amadores que buscavam referência no teatro europeu e norte-americano.

[...] não existem dificuldades intelectuais e emocionais que tornem inacessíveis as suas obras à juventude ou à grande massa do povo. Os textos de Shakespeare não são obscuros. A sua linguagem é direta e clara como a luz do dia. Ele não escreveu compêndios filosóficos, retratou, simplesmente, a grandeza e a miséria humana em palavras de uma beleza imortal (Keller, 1955, p. 21).

A análise da trajetória desses grupos amadores é essencial para entender como Shakespeare se tornou uma figura mais "brasileira" dentro do contexto do teatro moderno nacional.

2.3 THE RAPE OF LUCRECE

2.3.1 O contexto

O poema A Violação de Lucrécia está situado no início da carreira de Shakespeare e reflete a educação recebida na *grammar school* de Stratford-upon-Avon. Esta obra revela um Shakespeare diferente do dramaturgo voltado para o público popular e do sonetista que escrevia para circulação privada. Ao contrário, ele almejava um público aristocrático, semelhante ao seu patrono, Southampton. O poeta escrevia para uma elite letrada, em um período de transição da circulação privada para a publicação impressa, que, para alguns, representava o “estigma da imprensa”.

Após o sucesso de Vênus e Adônis, Shakespeare publicou A Violação de Lucrécia dedicando-o a Southampton. Com humildade convencional, ele desmerece a obra, mas a intenção do poeta era, na verdade, apresentar um projeto ambicioso. De acordo com Richard Lanham (1976, p.82 *apud* Hehmeyer, 2013, p.139), ambos os poemas narrativos são "obras-primas" que evidenciam a maestria do autor. Nancy Vickers (1988, p.108) “também observa que essas obras funcionam como um brasão, um sinal de identidade e uma prova de excelência literária”.

O poema encontra-se na primeira fase da carreira de Shakespeare e tem uma relação clara com Vênus e Adônis, publicada anteriormente. O próprio poeta estabeleceu

essa conexão ao publicar Lucrécia logo após Vênus e Adônis, sendo que a dedicatória deste último já antecipava o próximo poema. A Violação de Lucrécia reflete muitos aspectos de Vênus e Adônis. No primeiro poema, o cerco amoroso da deusa Vênus ao jovem Adônis pode ser interpretado como uma versão mais atenuada e invertida de estupro, com o caráter fálico da penetração sugerido pela figura da "estupradora deslocada".

Com os dentes dele, devo confessá-lo, / Eu o mataria primeiro por desdita;¹³⁴ (V&A. 117-118). O embate heráldico entre o alvo e o rubro no rosto de Lucrécia está prefigurado nos versos "Notar na tez matizes oponentes, / Como alvo e rubro a cada qual desfaz!"¹³⁵ (V&A. 345-346) e em diversos outros momentos. (Afonso, 2023, p.58)

Gordon Williams (1996, p. 1-2) consolidou a reputação de Shakespeare não apenas como poeta, mas também como um poeta erótico. Ele destacou que, em muitas de suas obras, o autor explorou abertamente temas de desejo, sexualidade e a complexidade das relações amorosas, o que o coloca como uma figura significativa dentro da literatura erótica da época.

De fato, no século dezessete, sua identidade autoral estava em grande medida atada ao uso de linguagem sexual e ao tratamento de temas eróticos. Foi Vênus e Adonis que estabeleceu sua reputação como poeta erótico, com Middleton (*A Mad World My Masters* 1.2.48) relacionando-o a *Hero and Leander* de Marlowe, "duas lúbricas tortas de tutano para uma jovem esposa" (tutano era um popular afrodisíaco). (Williams, 1996, p.1-2)

Gordon Carver (2005), ao discutir a popularidade dos épicos no final do século XVI, argumenta que o próprio ato de ler e o livro, enquanto objeto, estavam imersos em uma carga sexualizada.

textos de coterie [...] eram derivados de um mundo literário fechado pertencente à aristocracia educada. A exposição desse mundo via transmissão pela imprensa é similar à visão por Actaeon da mais elevada, proibida Deusa [...] A leitura de livros impressos em geral durante este período crítico era concebida como um ato de voyeurismo.¹⁶⁸ (Carver, 2005, p. 109)

Carver (2005) destaca como as obras literárias dessa época, especialmente as de caráter erótico, eram consumidas de forma íntima e muitas vezes associadas a um prazer

sensorial que ultrapassava a simples leitura, refletindo uma cultura literária em que o sexo e a linguagem estavam profundamente entrelaçados.

Ou seja, qualquer pessoa poderia testemunhar a relação íntima entre o patrono e o poeta autor do épico, rompendo uma barreira. Evidentemente, os livros dessa natureza possuíam um conteúdo *voyeurístico*³, e, com base nesse critério, Carver incluiu A Violação de Lucrécia na mesma categoria de épicos, ao lado de Vênus e Adônis e Hero and Leander, de Marlowe.

2.3.2 O mito

De acordo com o historiador Tito Lívio (1989 *apud* Santos, 2023, p. 311-316), o sétimo rei de Roma, Lúcio Tarquínio, governava de forma tirânica, com violência e crueldade. Lívio narra que Tarquínio tinha um sobrinho, Lúcio Tarquínio Colatino, casado com a matrona romana Lucrécia, e um filho, Sexto Tarquínio. Durante uma campanha militar, Colatino e Sexto, juntamente com outros oficiais, participaram de um banquete em que discutiam sobre suas esposas. Colatino desafiou os presentes a irem até sua casa em Colácia para verem a virtude de Lucrécia, que estava em contraste com as esposas dos outros homens, que se entregavam a festas luxuosas. Ao chegarem à casa de Colatino, Lucrécia estava tranquila, trabalhando com lã, o que a fez destacar-se ainda mais, elogiada pela sua virtude e honra.

No entanto, Sexto Tarquínio, ao se apaixonar por Lucrécia, seduzido por sua beleza e virtude, planejou violentá-la. Aproveitando-se da ausência de Colatino, Sexto entrou na casa de Lucrécia e, após ameaçá-la com uma espada, forçou-a a se entregar, sob a ameaça de destruir sua honra com uma mentira sobre um suposto adultério.

Diante da pressão, Lucrécia cedeu ao abuso, temendo a desonra e a vergonha que isso traria à sua família. Depois do ocorrido, ela mandou chamar seu pai e marido, e, ao relatá-los o que havia sofrido, pediu que vingassem sua honra (Gomes, 2019, p.32). Perguntaram-lhe como estava, e ela respondeu-lhes com as seguintes palavras:

³ Pessoa que assiste, para sua satisfação, às manifestações de sexualidade de outrem. "voyeur", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/voyeur>.

Mal. Como pode ir bem uma mulher que perdeu a honra? Vestígios de outro homem, Colatino, acham-se em teu leito. Aliás só meu corpo foi violado, minha alma permaneceu pura. Minha morte servirá de testemunha. Mas dai-me vossas mãos como garantia de que não deixareis impune o culpado. Foi Sexto Tarquínio quem, sendo nosso hóspede, agiu como inimigo e veio esta noite de espada desembainhada contra mim (e contra ele próprio, se sois verdadeiros homens) para conseguir prazer criminoso. Vós cobrareis o que aquele homem deve. Mesmo isenta de culpa, não me sinto livre do castigo. Nenhuma mulher há de censurar Lucrécia por ter sobrevivido a sua desonra. (Lívio, 1989 *apud* Santos, 2023, p.315)

Lucrécia, então, com o coração devastado, suicidou-se, cravando um punhal em seu peito. O suicídio de Lucrécia foi o estopim para a revolta de Júnio Bruto e outros romanos contra a tirania de Tarquínio, o Soberbo.

Por este sangue tão puro antes de ser manchado pelo crime do príncipe, eu vos juro e vos tomo como testemunhas, ó deuses, que hei de expulsar Lúcio Tarquínio Soberbo, ele, sua criminosa esposa, e toda sua descendência, pelo ferro, pelo fogo, por todos os meios que estiverem em meu poder. Nem eles nem qualquer outro qualquer há de reinar em Roma. (Lívio, 1989 *apud* Santos, 2023, p.316)

Em um juramento de vingança, Bruto liderou a expulsão de Tarquínio e sua família de Roma, pondo fim à monarquia. Esse evento levou à instauração da República Romana, com o fim do reinado absoluto e a criação de um novo regime, onde o poder não poderia ser concentrado nas mãos de um único indivíduo. Para os romanos, o crime de Sexto Tarquínio representava a decadência inevitável da monarquia, marcada pela violência e pelo desrespeito aos valores mais sagrados, como o respeito à esposa e à família. (Rodrigues, 2005, p.172)

Nos primeiros tempos do cristianismo romano, o mito de Lucrécia foi recebido de maneira positiva, sendo elogiado por figuras como Tertuliano e Jerônimo. No entanto, foi Agostinho (1996) quem introduziu uma visão crítica, ao associar a história da heroína a um questionamento moral. Ele sugeriu que, se Lucrécia fosse realmente inocente de fornicação, seria, ao menos, culpada de homicídio por ter tirado sua própria vida. Agostinho também levantou a hipótese de que Lucrécia poderia ter consentido com o ato sexual e cometido suicídio devido à culpa sentida. (Afonso, 2023, p. 40)

Dante Alighieri, em sua Divina Comédia, menciona Lucrécia e Brutus, colocando-os no Limbo, isentos de culpa, exceto por viverem antes da vinda de Cristo. Durante a Renascença inglesa, Shakespeare escreveu um poema sobre o mito, e autores como Middleton (1988) e Heywood (2008) também abordaram a figura de Lucrécia. Ao longo da história, o mito se desdobrou de maneiras diferentes: ora favoráveis à figura de Lucrécia, ora críticas, ora enfatizando os eventos políticos e o papel de Brutus. Como observou Sonya Brockman (2017, p.346), o estupro de Lucrécia foi retomado por pensadores, poetas e políticos ao longo da história não tanto pelo que revela sobre dinâmica de gênero ou violência sexual, mas como um evento político que desencadeou uma ação pública.

Pensadores como Maquiavel e Montesquieu consideraram o estupro de Lucrécia como algo de pouca relevância em si, tratando-o apenas como o ponto de ignição de uma revolução política. Na Revolução Francesa, a história foi retomada por Voltaire e outros, com interpretações diversas conforme as tendências políticas da época. (Afonso, 2023, p.42)

Além das interpretações políticas, o mito de Lucrécia também foi adaptado de maneiras que modificaram a própria figura da personagem. Em algumas versões, ela é retratada como uma mulher sensível e apaixonada, enquanto outras a transformam em uma figura mais dramática ou jocosa. Rousseau, em sua obra *La Mort de Lucrèce*, sugere que o estupro é apenas um flashback amoroso, e outras versões, como a de Madelaine de Scudéry, fazem de Lucrécia uma mulher apaixonada por Brutus, rechaçando a figura do marido. (p.44)

Por fim, a obra de Ian Donaldson destaca a maneira como o mito de Lucrécia foi tratado ao longo do tempo, seja em versões trágicas ou cômicas.

As versões trágicas do mito tendem a apresentar Lucretia como uma santa; as versões cômicas, como uma puta. As duas visões, igualmente desumanizantes em suas maneiras distintas, não são tão radicalmente opostas como possa parecer. Ambas são produto de pensamento masculino; ambas apresentam as mulheres de acordo com estereótipo popular.⁸⁹ (Donaldson, 1982 apud Afonso, 2023, p.44)

Ambas as abordagens, embora distintas, são desumanizantes de maneiras diferentes, revelando estereótipos e visões masculinas sobre a mulher. A história de Lucrécia, ao ser recontada e apropriada em diferentes momentos históricos, revela o papel complexo e contraditório da mulher na sociedade e nas representações artísticas e políticas europeias.

2.3.3 O estupro

Shakespeare escolheu um tema que, embora hoje em grande parte esquecido, manteve-se significativo na cultura ocidental por sua relevância política e privada.

Daileader (2008, p. 86) observa que, apesar da firme oposição da Igreja ao culto de Lucrécia, esta história permaneceu por séculos como a narrativa canônica de estupro, o que é surpreendente considerando o rigor moral da época. Carolyn Williams (1993, p. 109) interpreta a Lucrécia de Shakespeare como uma representação da "vítima de estupro arquetípica", enquanto Gordon Williams (1996, p. 60) destaca que, no contexto em que Shakespeare escreveu, os relatos de Filomela e Lucrécia eram considerados fontes essenciais para abordar o tema do estupro, com Tereu e Tarquino sendo vistos como estupradores arquetípicos.

Daileader (2008, p. 67) critica o poema, afirmando que, para os leitores modernos de Shakespeare, o estupro, tal como é retratado na obra, é desconfortável e desagradável. Em contraste, Sara Quay (1995, p. 13) sugere que o estupro pode ser um tema "estranhamente prazeroso" para se ler, pois nos leva a explorar um tópico frequentemente considerado tabu, despertando curiosidade sobre algo proibido e oculto.

O estupro é uma das mais graves violações que uma pessoa pode sofrer. Embora em algumas situações homens também sejam vítimas, especialmente no contexto do sistema prisional, trata-se predominantemente de um crime cometido por homens contra mulheres. Comumente, a sociedade tende a encarar o estuprador como um ser monstruoso, com uma libido incontrolável, alguém que precisa ser "corrigido", por meio de medidas como a castração química. No entanto, o estupro deve ser compreendido como um fenômeno social e sistêmico, uma forma de exercício coletivo de poder masculino sobre as mulheres, ainda que os agressores não tenham plena consciência disso. (Afonso, 2023, p.141)

Infelizmente, a condenação social das mulheres vítimas de estupro ainda persiste, como foi exemplificado no caso de Mariana Ferrer, modelo de Florianópolis, que não só viu seu estuprador ser absolvido apesar da evidência pericial, como também foi psicologicamente abusada e questionada sobre sua conduta durante o julgamento, com a complacência do juiz. O caso gerou indignação e levou à criação de uma legislação federal, conhecida como "Lei Mariana Ferrer", para combater práticas como essa.

Embora apenas duas obras de Shakespeare, *Lucrécia* e *Titus Andronicus*, coloquem o estupro como tema central, o crime é mencionado em diversos momentos em seu cânone, além de episódios de coerção que remetem a esse ato. A presença constante de imagens de estupro na literatura europeia revela como a violência contra a mulher foi profundamente enraizada na cultura ocidental.

A ambiguidade dos termos usados para designar o estupro em latim, português e inglês reflete uma evolução histórica e social, especialmente na Inglaterra, onde palavras como *rape* e *deflower* carregam diferentes nuances de significado. Esses termos remetem à noção de “valor de troca” da mulher na sociedade, refletindo uma cultura que minimiza a responsabilidade do agressor e desconsidera o consentimento feminino. Como ilustrado por Tito Lívio (1989 *apud* Afonso, 2023, p.153), a palavra “adúltero” é usada para descrever o estuprador, o que revela a concepção da mulher como um bem que pode ser “estragado”.

A resistência verbal de Lucrécia ao estupro, embora legalista, revela-se ineficaz diante da situação. No entanto, é importante reconhecer que ela utiliza os meios à sua disposição para resistir. A obra, por sua vez, a faz se culpar por não ter resistido fisicamente ao agressor, o que leva alguns críticos a interpretá-la como uma vítima passiva.

A questão da resistência também está envolta em interpretações como a hipótese agostiniana, que sugere que Lucrécia possa ter secretamente sentido prazer ao ser forçada, ou ainda na crença galênica prevalente na Inglaterra da época, que associava a concepção ao prazer e, portanto, via o resultado de um estupro como indicativo de cumplicidade. Juan Cerdá (2019, p.5) chama a atenção para o fato de que, frequentemente, a análise do estupro foca no comportamento da vítima, ao invés de responsabilizar o agressor.

Santo Agostinho, Kahn e Belsey têm um problema em comum, que é de importância central para abordagens do feminismo recente: trata-se de seu foco na avaliação da resposta da vítima à agressão, uma apreciação que corre o risco de promover a classificação hierárquica das vítimas de violência sexual dependendo de sua reação ao ataque. (Cerdá, 2019, p. 5)

Embora, em um momento de reflexão, a protagonista duvide de sua resistência, ela deixa claro, durante o julgamento com os lordes romanos, que não se sente culpada pelo estupro: “Minha mente está limpa e pura; / Isso não foi forçado, nem houve vontade de / abrir mão disso...”. Com essas palavras, ela indica que perdoará a si mesma antes de fazer uma reviravolta e cometer suicídio.

2.3.4 O suicídio

Lucrécia demonstra uma preocupação constante com sua honra, reputação e o impacto de sua fama, tanto no presente quanto no futuro. Sua reação ao estupro é marcada pela vergonha, uma resposta natural, e pela culpa, que é mais complexa. Em sua resistência verbal, ela apela ao que mais comove Tarquínio: “Preserve meu nome e minha honra, / Pelo amor de meu Colatino, imaculado”.

Tito Lívio (1989, p. 98) observa que a paixão criminosa de Tarquínio prevaleceu sobre a virtude obstinada de Lucrécia, e ele se afastou satisfeito por destruir sua honra. A ameaça de forjar um adultério com um escravo visava diretamente à sua honra e à sua fama. Lucrécia, portanto, vê sua honra como um bem precioso e acredita ser responsável também pela honra de seu marido.

Além de serem mais preocupados com a honra do que nós, os romanos a entendiam de modo distinto. Enquanto tendemos a distinguir nitidamente entre a estatura moral de alguém e sua reputação pública, os romanos unem as duas. É digno de honra o que recebe honras. Para um romano, o interno e o externo, o pessoal e o público, não são facilmente distinguíveis. Assim como os romanos usam a mesma palavra (*honestas*) para virtude e reputação, ao longo de Lucrécia a palavra “honra” sempre sugere ambas, nunca distinguindo claramente entre elas [...]. (Blits, 2009, p. 413)

Lucrécia constrói sua fama com base na castidade, e não apenas os homens, mas ela própria valoriza essa característica. A palavra “casta” aqui pode ser entendida como

sinônimo de "fiel" ou "que se abstém de comportamentos sexuais promíscuos", embora o texto sugira que, talvez, ela fosse verdadeiramente casta no sentido mais profundo do termo.

O estupro de Lucrécia é comparável ao estupro de uma virgem, pois, como na lei, o estupro que claramente destrói o valor de uma mulher, que a "conspurca" e assim a torna algo sem valor para o homem que legalmente a possui, é o estupro de uma virgem. Tarquino também define este estupro como defloração em virtude da perfeita castidade de Lucrécia. Tal castidade na matrona confere uma espécie de virgindade, metaforicamente regenerando o hímen. (Baines, 1998 *apud* Afonso, 2023, p.119)

Após se cansar de suas lamentações, Lucrécia conclui que a única forma de encontrar alívio seria através de seu próprio sangue, decidindo então buscar o instrumento mortal. Seu ato de suicídio, que pode ser interpretado como um testamento simbólico, reflete uma crítica ao patriarcado.

Em Roma, houve uma longa evolução legal que permitiu às mulheres, antes subjugadas a um regime de incapacidade civil, a possibilidade de se tornarem proprietárias e legatárias. No entanto, Gordon Williams (1996, p. 61) critica o poema por ser excessivamente complacente em relação às mulheres, denunciando um "estereótipo grosso" que, segundo ele, "modesta experiência desmentiria". A ideia de que, enquanto os homens escondem crimes com arrogância, para as mulheres suas falhas são visíveis, é uma crítica presente no poema. Williams, ao final, reconhece a complexidade da obra de Shakespeare, apesar da forma simplista com que os sexos são contrastados.

O suicídio é um tema ausente nas comédias e peças históricas de Shakespeare, mas está presente em suas tragédias, especialmente nas romanas. Em *Júlio César* (1599), quatro personagens cometem suicídio: Brutus se lança sobre sua espada, Pórcia ingere brasas, e Cássio e Titinius também se matam, sendo este último citado como "uma ação romana". Em *Antônio e Cleópatra*, após Antônio pedir a morte a Eros, que se mata, ele tenta, sem sucesso, suicidar-se com uma espada, vindo a falecer nos braços de Cleópatra, que, mais tarde, utiliza cobras venenosas para tirar a própria vida.

Em *Romeu e Julieta*, o casal se suicida após falharem em seu plano de viver o amor impossível. Em *Otelo*, o suicídio de Otelo é nobre, pois ocorre após seu arrependimento, mas em *Rei Lear*, a tentativa de suicídio de Gloucester é usada para

humor negro. As mortes de Ofélia e Lady Macbeth são interpretadas como suicídios durante surtos de loucura. *Timon de Atenas* também busca a morte, e, por fim, a famosa pergunta "ser ou não ser" de *Hamlet* permanece como uma das mais icônicas expressões de Shakespeare.

Shakespeare segue a tradição de representar o suicídio de Lucrécia, um tema presente tanto na literatura quanto nas artes plásticas. A decisão de Lucrécia de se suicidar a coloca em contradição, especialmente ao tentar justificar essa ação dentro do contexto cristão, que proíbe o suicídio.

Nos mitos romanos, o suicídio era visto como uma morte digna, escolhida livremente pela pessoa, o que contrasta com a moral cristã. Lucrécia, no entanto, expressa sua preocupação com a fama e o futuro, o que não é uma mera vaidade, mas uma tentativa de evitar a condenação moral, frequentemente direcionada às vítimas de estupro. Ao cometer suicídio, Lucrécia busca provar sua inocência, já que em uma sociedade patriarcal, a palavra da mulher raramente é levada a sério.

Ela também justifica sua ação temendo engendrar um bastardo e sendo marcada indelevelmente pelo estupro. A visão de que o suicídio de Lucrécia reflete essa marca é reforçada pela teoria médica galênica da época, que associava o sêmen à depuração do sangue.

[u]ma vez que o sêmen é depositado no útero, ele volta a se resfriar, voltando a se tornar sangue, o qual prontamente se mistura com o da mulher. Esta mescla afeta a qualidade do sangue da mulher seja a enobrecendo ou rebaixando. Uma vez que o sêmen de Tarquino se transformou em sangue dentro de Lucrécia e se misturou com seu sangue, ela “sustém carga de lascívia deixada” (Luc. 734) na forma de sangue corrompido. (Crawford, 1997 *apud* Afonso, 2023, p.137)

Finalmente, seu suicídio reflete uma desilusão com um mundo em que não se pode confiar nas aparências ou na boa-fé das pessoas.

Vítimas [de estupro] fictícias acham extremamente difícil contar sua história em estilo legal aprovado, já que isto por si só lhes feriria a modéstia. As convenções literárias as pouparam dessa dificultosa refrega: seu estupro é autenticado pela morte. A morte, geralmente por suicídio, [...] serve às intenções artísticas ao realçar o pathos e eliminar as pontas soltas.⁴⁵⁷ (Williams, 1993 *apud* Afonso, 2023, p.138)

O suicídio de Lucrécia está intimamente ligado ao estupro, simbolicamente repetindo a violência que sofreu. A faca, ao ser enterrada em seu peito, reflete a violência de Tarquino, já que o canal vaginal, associado à penetração, é comparado à lâmina que a fere.

Belsey (2001, p. 326) sugere que o suicídio de Lucrécia pode ser mais do que uma repetição do ato violento de Tarquino, já que ela realiza um ato deliberado e público, enquanto o de Tarquino foi sorrateiro e voluptuoso. De forma simbólica, o suicídio de Lucrécia dispara uma revolução: ao jurar em sua faca, Brutus promete expulsar os Tarquinos de Roma, tornando sua lâmina um símbolo de resistência contra a tirania.

2.3.5 Artes plásticas

A história de Lucrécia também teve grande impacto nas artes plásticas, além das páginas e dos palcos. A criação dos poemas narrativos sobre o mito pode ter sido influenciada por interpretações pictóricas. É notável que muitas representações de Lucrécia a retratavam nua, destacando um interesse erótico por sua figura.

Ticiano (1488–1596), renomado pintor renascentista italiano, representou o estupro de Lucrécia em sua obra "A Violação de Lucrécia", escolhendo também a nudez como elemento central. Além disso, pintou uma cena alusiva ao suicídio da personagem, intitulada "Lucrécia e seu Marido", conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Ticiano A Violação



Fonte: Titian, [ca. 1571], [ca. 1515]

O pintor renascentista alemão Lucas Cranach, o Velho (1472–1553), e seu ateliê produziram várias versões do suicídio de Lucrécia, representando-a seminua ou nua (ver Figura 2).

Figura 2 – O Suicídio de Lucrécia



Fonte: Lucas Cranach The Elder, 1529, 1532

As fontes clássicas indicam que Lucrécia estava vestida de luto no momento de seu suicídio, o que torna improvável que ela estivesse nua na presença de tantos homens romanos. O poema de Shakespeare, por sua vez, segue a tendência erótica observada nas artes plásticas, retratando Lucrécia como a encarnação da castidade ideal, o que a torna, talvez, o objeto de desejo perfeito.

Figura 3 – Lucretia/The Rape Of Lucretia



Fonte: Rembrandt, 1664, 1666

3 METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho é composta por uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, utilizando o método histórico e de revisão teórica. O foco da pesquisa é analisar o mito de Lucrécia, sua evolução ao longo da história e a transformação da figura da personagem, a partir da recepção crítica e de seus desdobramentos no campo das artes, da política e da literatura.

A escolha desse tipo de pesquisa se justifica pela necessidade de compreender as diversas interpretações do mito e suas implicações ao longo do tempo, principalmente nas produções artísticas e culturais da Europa, desde o cristianismo romano até o período moderno e contemporâneo.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa será qualitativa, com base no levantamento e análise de obras literárias, históricas e artísticas que abordam o mito de Lucrécia. O método histórico será utilizado para contextualizar as variações do mito em diferentes períodos históricos e a revisão teórica será aplicada para revisar e interpretar as fontes documentais que tratam do tema.

O objetivo central é compreender como o mito de Lucrécia foi moldado e reinterpretado ao longo do tempo, abordando aspectos como a relação entre gênero, política e violência sexual. A revisão teórica irá incluir, entre outros, os textos de Tertuliano, Jerônimo, Agostinho, Dante Alighieri, Shakespeare, Voltaire, Rousseau, Montesquieu, e Sonya Brockman, que são fundamentais para a construção da análise.

3.2 CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO E AMOSTRA

Neste estudo, a população a ser analisada será composta por obras literárias, textos históricos, peças de teatro, e produções artísticas que tratam do mito de Lucrécia, focando especialmente nas interpretações feitas por figuras importantes da cultura ocidental. A amostra será selecionada a partir de obras representativas e que tenham abordado a personagem de forma marcante, considerando suas diferentes perspectivas políticas e culturais.

Embora não seja uma pesquisa com sujeitos humanos, será importante abordar as interpretações feitas por pensadores, artistas e escritores ao longo da história. Não há número definido de amostras, mas serão priorizadas obras que representem diferentes períodos históricos e contextos sociais.

3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Serão incluídas obras que abordam o mito de Lucrécia de forma direta ou indireta, que tenham relevância histórica e que tragam elementos de análise política, social e cultural. Obras literárias, teatrais, filosóficas, e artísticas que tratam do mito de Lucrécia, desde os textos clássicos até produções modernas, serão consideradas fontes primárias. Obras que tratam do mito apenas em passagens menores ou em versões populares sem uma análise profunda do seu contexto serão excluídas, visto que o objetivo é fazer uma análise mais robusta e aprofundada da evolução do mito.

3.4 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados será feita a partir de fontes bibliográficas e documentais. Serão analisados textos clássicos e modernos, peças de teatro, e outros materiais literários que abordam o mito de Lucrécia. A técnica de análise será descritiva e analítica, com foco na interpretação crítica das obras e na identificação das diferentes representações do mito.

A partir disso, será possível compreender como a figura de Lucrécia foi construída e reconstruída ao longo do tempo, considerando as diferentes leituras políticas, sociais e de gênero. As fontes serão analisadas à luz de teorias literárias, filosóficas e sociológicas, com ênfase nas questões de gênero e violência sexual, conforme abordado por Sonya Brockman, Donaldson, e outros autores.

Além disso, será realizada uma análise crítica da literatura secundária que discute a recepção do mito de Lucrécia, como os estudos de Leonardo Augusto Afonso (2023) e outros pensadores que tratam da relação entre o mito e a política, como Maquiavel e Montesquieu, que discutem o impacto do mito na formação de ideais republicanos e monárquicos. A análise das interpretações do mito em diferentes épocas permitirá compreender as mudanças nas percepções da mulher, da política e da violência sexual,

além de contribuir para o entendimento das representações de gênero na cultura ocidental.

Em suma, a metodologia proposta busca realizar uma análise crítica e aprofundada do mito de Lucrécia, considerando suas variações ao longo do tempo e suas implicações culturais, políticas e sociais.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa teve como foco a análise da representação do suicídio e da violência sexual na obra *Lucrécia* de Shakespeare, com base nos elementos históricos, literários e simbólicos presentes na obra. Para isso, foi realizada uma investigação qualitativa, que incluiu uma análise detalhada dos textos, explorando os conceitos de honra, reputação, e moralidade feminina, a partir da leitura de diferentes críticas literárias e abordagens teóricas.

O estupro de Lucrécia está imerso nos estereótipos renascentistas sobre a mulher ideal, onde a castidade era vista como uma virtude essencial. Lucrécia, descrita como “a casta”, é idealizada pela beleza e virtude. No discurso misógino de Tarquínio, a mulher estuprada é retratada como destruída e desonrada, com a morte sendo apresentada como uma alternativa preferível. O estupro, nesse contexto, é responsabilizado à mulher, que, mesmo em sua pureza, é vista como a provocadora dos desejos masculinos. Lucrécia é comparada a Helena, cuja beleza também despertou desejos que levaram à tragédia.

A amostra para a pesquisa foi composta por uma seleção de obras acadêmicas e críticas literárias que tratam diretamente da personagem Lucrécia e das implicações do suicídio no contexto da obra de Shakespeare. Dentre as fontes selecionadas, estavam os estudos de Belsey (2001), Kahn (2005) e Gordon Williams (1996), cujas análises apontam para a complexidade da personagem e suas escolhas, além da representação da mulher na sociedade romana e na literatura renascentista. As obras foram escolhidas devido à sua profundidade e ao reconhecimento no campo da crítica literária, especialmente em relação à literatura clássica e à análise das figuras femininas em contextos patriarcais.

A investigação também envolveu a contextualização do suicídio na sociedade romana, com ênfase nas práticas legais e nas tradições culturais que influenciaram as decisões das personagens. Lucrécia, ao ser estuprada por Tarquínio, toma a decisão de suicidar-se, o que é apresentado como uma tentativa de preservar sua honra e reputação em uma sociedade que colocava esses atributos acima da própria vida. A análise das reações de Lucrécia, sua fala e seus sentimentos diante do crime, mostram que seu ato

é uma resposta a um sistema que a condena moralmente, independentemente da violência que ela sofreu.

A relação simbólica entre o ato de suicídio e a violência sexual é crucial para entender a escolha de Lucrécia e sua tentativa de se afirmar como uma vítima inocente em um contexto onde as mulheres eram frequentemente culpabilizadas.

No final, Lucrécia escolhe o suicídio como uma forma de retomar o controle sobre sua própria narrativa. Antes de sua morte, ela revela a estratégia de seu agressor e explica como se sentiu forçada a ceder para se proteger. Em um contexto em que a desonra seria eterna, ela vê a morte como a única forma de restaurar a honra da sua família, pois, na visão da sociedade, era mais digno que a mulher estuprada morresse do que vivesse em desgraça.

Segue quadro com os principais resultados do estudo:

Quadro 01 – principais resultados da pesquisa

Aspecto	Detalhes
Gênero e Tema	Poema narrativo que aborda temas de erotismo, violência e poder, com foco no estupro e suas consequências.
Estrutura Poética	Estrutura em versos, com rimas compostas por dois pares (AA, CC) e uma dirrima (BBB), sendo que a dirrima representa um desafio maior na tradução rimada. Em alguns casos, rimas aproximativas e manipulação semântica de versos são utilizadas para garantir a coerência das rimas. (Afonso, 2023, p.240)
Ambiguidade do Texto	O poema contém ambiguidades, especialmente em relação à resolução suicida de Lucrécia, que, ao buscar a morte, também confronta o valor moral e patriarcal ligado ao seu ato. Essa ambiguidade reflete a luta interna de Lucrécia entre preservar sua honra e se submeter ao interdito cristão.
Impacto Cultural e Social	O poema reflete uma crítica à sociedade patriarcal de Roma, onde a honra feminina e a virgindade são questões centrais. A resolução do suicídio de Lucrécia gera uma reflexão sobre as expectativas e a moralidade impostas às mulheres. Além disso, coloca a violência

	contra a mulher em uma perspectiva que reverbera até os dias de hoje.
Interpretação Feminista	O poema pode ser interpretado como uma denúncia da opressão feminina, pois Lucrécia busca restabelecer sua honra após ser violada, enfrentando a dúvida sobre sua culpabilidade e buscando libertação através do suicídio. O suicídio simboliza sua tentativa de resistir a uma sociedade que a vê como culpada, embora seja vítima.
Metáforas e Trocadilhos	O poema utiliza metáforas como o suicídio de Lucrécia, que simbolicamente repete a violência de Tarquino. A faca, ao ser enterrada no peito, é uma continuidade da violência sofrida pela personagem, sendo a lâmina associada à luta contra a tirania. Além disso, o conceito de "honra" e "fama" se entrelaçam com as escolhas da personagem.
Impacto Psicológico e Social	O suicídio de Lucrécia representa não apenas uma questão moral e física, mas também uma grande questão psicológica, em que a personagem se vê sem saída em um mundo dominado pela violência e opressão. O impacto social é profundo, já que suas ações repercutem na sociedade romana e motivam uma revolução contra a tirania.

FONTE: dados da pesquisa (2025)

O suicídio de Lucrécia, embora pessoal, carrega uma dimensão simbólica e política significativa. Ele não é apenas uma fuga do sofrimento, mas um ato de vingança contra o Estado tirânico que a oprimiu e uma forma de garantir que seu nome seja lembrado com dignidade entre as mulheres. A espada, que a leva à morte, não é apenas um meio de escapar, mas um instrumento de resistência, uma ferramenta para acender a chama da revolução e restaurar o poder perdido.

Os resultados da pesquisa demonstram que o suicídio de Lucrécia é uma resposta direta à violação de sua honra e reputação, como se observa na sua fala em que busca

justificar sua morte como uma tentativa de se libertar da vergonha e de evitar a desonra. A escolha de Lucrécia de se matar, ao invés de viver com a marca do estupro, é interpretada como um reflexo das pressões sociais e culturais da Roma antiga.

A análise também revela que o suicídio, além de ser uma maneira de expiar o crime cometido contra ela, se torna um meio de resistência simbólica à tirania patriarcal, especialmente quando Brutus utiliza a faca de Lucrécia para jurar pela expulsão dos Tarquinos de Roma. Esse elemento destaca a transição da mulher como vítima passiva para agente ativa de uma revolução simbólica.

Além disso, a pesquisa aponta que a sociedade romana, assim como a literatura de Shakespeare, associa a virgindade e a honra da mulher à sua função social e familiar. A morte de Lucrécia, portanto, não é apenas um ato de desespero, mas também um comentário irônico sobre a opressão feminina, uma crítica à incapacidade da mulher de escapar das estruturas patriarcas que definem seu valor. A análise crítica de Belsey (2001) e Crawford (1997) reforça essa perspectiva, destacando que o suicídio de Lucrécia é um ato deliberado que visa, em última instância, reverter a narrativa imposta por uma sociedade que apenas aceita a mulher dentro de padrões de pureza e castidade.

Em conclusão, os dados coletados e analisados indicam que o suicídio de Lucrécia na obra de Shakespeare é uma representação complexa da luta da mulher contra um sistema que a submete à vergonha e à culpa, mesmo quando é vítima. A escolha da personagem reflete as contradições e tensões entre a moralidade patriarcal e as ações de uma mulher que, diante da perda da honra, busca o único meio de restaurar sua dignidade: a morte. A pesquisa contribui para uma compreensão mais profunda do papel das mulheres na literatura clássica e nos mecanismos sociais que determinam sua posição na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se dedicou à análise do poema *The Rape of Lucrece* de Shakespeare, explorando a complexidade das representações do estupro, da castidade e da honra na obra, bem como a forma como o suicídio de Lucrécia é abordado, tanto no contexto literário quanto nas artes plásticas. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como a obra de Shakespeare se insere na tradição literária e artística ao abordar o mito de Lucrécia, destacando as questões de violência sexual, honra feminina e as consequências sociais e psicológicas do estupro.

Ao longo da pesquisa, foram abordados diversos aspectos do poema, incluindo sua estrutura poética, as representações culturais e sociais do corpo feminino, o impacto psicológico da violência e as interpretações feministas sobre a obra. O estudo também procurou situar o trabalho de Shakespeare no contexto das convenções renascentistas, onde a mulher era frequentemente vista como um objeto de pureza, e como o estupro de Lucrécia se insere na construção de estereótipos sobre a mulher perfeita, especialmente em relação à castidade e à honra.

Quanto aos objetivos específicos estabelecidos, é possível afirmar que a pesquisa confirmou a relevância da análise do contexto histórico e cultural no qual Shakespeare escreve *A Violação de Lucrécia*. A obra, ao tratar do estupro e das suas consequências, oferece uma reflexão profunda sobre as normas sociais e os valores morais da época. O estudo também evidenciou a relação entre o suicídio de Lucrécia e a tentativa de resgatar sua honra.

Um objetivo que não se confirmou plenamente foi a análise do impacto psicológico do estupro na personagem de Lucrécia, uma vez que a pesquisa se concentrou mais nas implicações sociais e políticas da violência que ela sofreu. Embora o suicídio de Lucrécia seja, sem dúvida, uma resposta à perda de honra e ao medo de viver desonrada, o estudo poderia aprofundar-se mais nas questões psicológicas de trauma pós-violência, algo que poderia ser melhor explorado com base em outras abordagens teóricas e interdisciplinares, como a psicologia e a psicanálise.

A importância desta pesquisa reside no fato de que ela contribui para uma melhor compreensão das representações literárias e artísticas da violência sexual, sobretudo no contexto da Renascença, e como essas representações influenciam o discurso sobre a

mulher, sua honra e o papel social atribuído a ela. O estudo de *A Violação de Lucrécia* oferece uma reflexão crucial sobre a forma como a violência contra a mulher foi historicamente abordada e como esses discursos ainda reverberam na sociedade contemporânea.

A obra de Shakespeare, ao se relacionar com o contexto histórico de sua época, proporciona uma análise crítica das tensões entre o corpo feminino, a pureza idealizada e o poder patriarcal, elementos que ainda são centrais nas discussões sobre gênero e violência nos dias de hoje. Por fim, a pesquisa contribui não apenas para o entendimento de *A Violação de Lucrécia* no seu contexto original, mas também para o debate contínuo sobre a violência de gênero, suas representações e suas consequências, que permanecem como questões centrais na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Leonardo Augusto de Freitas. **A Violação de Lucrécia de William Shakespeare**: uma tradução comentada. 2023. Tese de Doutorado. [sn]. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/8493>. Acesso em: 04 mar. 2025.
- BATE, Jonathan. **Soul of the Age: The Life, Mind and World of William Shakespeare**. (Alma da Era: A Vida, a Mente e o Mundo de William Shakespeare) Londres: Penguin Books, 2008.
- BAINES, Barbara J. **Effacing Rape in Early Modern Representation**. *ELH*, v. 65, n. 1, p. 69-98, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30030170>. Acesso em: 3 mar. 2025.
- BELSEY, Catherine. **Tarquin Dispossessed**: Expropriation and Consent in *The Rape of Lucrece*. *Shakespeare Quarterly*, v. 52, n. 3, p. 315-335, 2001. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/31641>. Acesso em: 3 mar. 2025.
- BLITS, Jan H. **Redeeming Lost Honor**: Shakespeare's *Rape of Lucrece*. *The Review of Politics*, v. 71, n. 3, p. 411-427, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0034670509990039>. Acesso em: 4 mar. 2025.
- BROCKMAN, Sonya L. Trauma and Abandoned Testimony in *Titus Andronicus* and *Rape of Lucrece*. **College Literature**, v. 44, n. 3, p. 344-378, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lit.2017.0019>. Acesso em: 4 mar. 2025.
- CARVER, Gordon. The Elizabethan Erotic Narrative: Sex(y) Reading. **Explorations in Renaissance Culture**, v. 31, n. 1, p. 107-134, 2005. Disponível em: https://brill.com/view/journals/erc/31/1/article-p107_7.xml. Acesso em: 3 mar. 2025.
- CERDÁ, Juan F. **Towards a Critical Reevaluation of The Rape of Lucrece**. HAL-SHS, halshs-02269006, 2019. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-02269006>. Acesso em: 3 mar. 2025.
- DONALDSON, Ian. **The Rapes of Lucretia: A myth and its Transformation**. Oxford: Oxford University Press, 1982.
- DAILEADER, Celia R. "Writing Rape, Raping Rites": Shakespeare's and Middleton's Lucrece Poems. In: WARD, Joseph P. (ed.). **Violence, Politics, and Gender in Early Modern England**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2008. p. 67-89.
- FONTANA, Fabiana. Shakespeare, teatro moderno e movimento amador – a experiência do Teatro do Estudante do Brasil de Paschoal Carlos Magno. **Pitágoras 500**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, 2014. DOI: 10.20396/pita.v4i2.8634701. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8634701>. Acesso em: 4 mar. 2025.

GOMES, Celuta Moreira. **William Shakespeare no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1961.

GOMES, Eugênio. **Shakespeare no Brasil**. [Rio de Janeiro], Ministério da Educação e Cultura / Serviço de Documentação, [1961].

GOMES, Mariana de Azevedo S. O infortúnio de Lucrécia e a fortuna da república: O livro I do *Ab urbe condita* de Tito Livio. In: **Humanidades em Revista**. Dossiê Poder, religião e relações de gênero na Antiguidade e no Medievo. UNIRIO, 2019. Disponível em: <https://seer.unirio.br/hr/article/view/8957>. Acesso em: 3 mar. 2025.

HEHMEYER, Jeffrey Paxton. **Heralding the Commonplace: Authorship, Voice and the Commonplace in Shakespeare's Rape of Lucrece**. *Shakespeare Quarterly*, v. 64, n. 2, p. 139-164, 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24778456>. Acesso em: 3 mar. 2025.

HELIODORA, Barbara. **Shakespeare: o que as peças contam: tudo o que você precisa saber para descobrir e amar a obra do maior dramaturgo de todos os tempos**. Edições de Janeiro, 2018.

HEYWOOD, Thomas. *The Rape of Lucrece*. Oxford: Benediction Classics, 2008.

KELLER, Willy. **Shakespeare e a juventude brasileira**. Maceió: Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, 1955.

MIDDLETON, Thomas. **Five Plays**. Londres: Penguin Books, 1988.

PEREIRA, Josana Maria Oliveira. **A relativização do estupro - uma análise foucaultiana do estupro nos discursos sociais**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6800>. Acesso em: 4 mar. 2025.

QUAY, Sara E. 'Lucrece the chaste': The Construction of Rape in Shakespeare's "The Rape of Lucrece". **Modern Language Studies**, v. 25, n. 2, p. 3-17, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3195286>. Acesso em: 5 mar. 2025.

RIBEIRO, Francisco Carlos. Tributo a William Shakespeare: 460 anos de nascimento do grande poeta e dramaturgo inglês. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, v. 1, n. 31, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/66947>. Acesso em: 04 mar. 2025.

RODRIGUES, Nuno Simões. A heroína romana como matriz de identidade feminina. In: D. F. Leão, M. C. Fialho, M. F. Silva, coords., pref. M. Cláudio, **Mito clássico no Imaginário Ocidental**. Coimbra: Ariadne Editora, 2005.

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus.** Tradução: J. Dias Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

SANTOS, Elaine Cristina Prado Dos. **A figura feminina de Lucrécia e sua violação-representatividade da mulher como ideal de virtude.** Vice-Reitor, p. 311, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/download/97641921/2023_O_FEMININO_NA_LITERATURA_GREGA_E_LATINA_2023.pdf#page=310. Acesso em: 04 mar. 2025.

SHAKESPEARE, William. **Teatro Completo.** Tradução: Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2016.

SHAKESPEARE, William. **O Estupro de Lucrécia/Vênus e Adônis.** Tradução: Élvio Funck. Porto Alegre: Movimento, 2020.

SHAKESPEARE, William. **Cimbeline, Rei da Bretanha.** Tradução: José Roberto O'Shea. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SHAKESPEARE, William. **Obra Completa.** Tradução: Oscar Mendes, F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969. v. 3.

TITO LIVIO. **História de Roma.** *Ab Urbe Condita Libri.* São Paulo: Paumape, 1989. (Introd. trad. notas. de Paulo Matos Peixoto).

VICKERS, B. Shakespeare's Use of Rhetoric. In: MUIR, Kenneth; SCHOENBAUM, S. (eds.). **A New Companion to Shakespeare Studies.** Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 83-126. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/79727625/da2fbfeb51d1ff8681d7925c28dc20838f25.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2025.

WILLIAMS, Gordon E. **Shakespeare, Sex and the Print Revolution.** Londres: Continuum, 1996.

WILLIAMS, Gordon E. **Shakespeare's Sexual Language: a glossary.** Londres: Continuum, 1997.